cultura.df@dabr.com.br
3214-1178/3214-1179
Editor: José Carlos Vieira
josecarlos.df@dabr.com.br

Correio Braziliense
Brasília, quinta-feira, 12 de novembro de 2026

DRIBLANDO PRECONCEITOS

PRODUTOR DE *A NATUREZA DAS COISAS INVISÍVEIS* E CRIADOR DE CURTAS COMO *VAGABUNDA DE MEIA TIGELA*, O CINEASTA **OTAVIO CHAMORRO** REPRESENTA O AUDIOVISUAL BRASILIENSE NO 34º MIX BRASIL, À FRENTE DO LONGA *QUANDO TUDO JOGA CONTRA*



Apoteótica Cinematográfica

Quando tudo joga contra: afetos inesperados no Ensino Médio

» RICARDO DAEHN

Com mais de 130 filmes de 30 países na programação, a 34ª edição do Festival Mix Brasil abraça hoje a estreia de um longa da empresa brasiliense Apoteótica Cinematográfica, formada, entre outros, por Otavio Chamorro. Produtor de *A natureza das coisas invisíveis* (selecionado para o Festival de Berlim), Chamorro tem o filme *Quando tudo joga contra*, rodado no DF e integrado ao segmento Pop Mix, com exibição hoje, num circuito proposto para três dos 14 espaços de São Paulo reservados para o Mix Brasil que, em 2026, presta homenagem ao dramaturgo, escritor e cineasta João Silvério Trevisan.

"O Festival Mix Brasil é praticamente o meu padrinho no cinema. É o festival mais importante da minha carreira. Quase todos os meus filmes passaram por ele e é a principal vitrine do cinema queer, do cinema que é tematizado pela diversidade sexual e de gênero. Nós, da Apoteótica Cinematográfica temos uma coleção de Coelhinhos (os troféus do festival). Ano passado, vencemos melhor filme com *A natureza das coisas invisíveis*. Fazer parte da programação é sempre uma alegria pessoal, é um impulso para o filme achar o público interessado nesta temática e é um selo de qualidade importante que vai acompanhar o filme para sempre", destaca Chamorro, em entrevista ao **Correio**.

Criador de curtas como *As fugitivas* (2007), *A caroneira* (2012) e *Vagabunda de meia tigela* (2015), que integraram rede de mais de 100 festivais nacionais e internacionais, Otavio Chamorro está no evento que, junto ao aguardado *A bola preta* (de Javier Calvo e Javier Ambrossi, candidatos desde já ao Oscar 2027), traz seleção povoada por nomes de peso como Daniel Ribeiro, Lukas Dhont, Juliana Rojas, Aly Muritiba, Sabrina Greve e Ricardo Alves Jr.

Quando tudo joga contra, que tem distribuição garantida, em 2027, pela Olhar Filmes, chega à exibição brasileira detentor de prêmio de atuação no Outfest Peru para o ator Lhorran Santiago que, na trama, sofre homofobia na pele do personagem Ricardo. Entre os cinco produtores do filme, Rafaela Camelo deu muito apoio para Chamorro, formado em Audiovisual pela UnB, e que, como roteirista, traz no currículo séries como *Tem que suar* (Multishow) e *Vizinhos* (Canal Brasil).

No novo filme, Chamorro destaca, além de bullying e intolerância, o poder da união. Tudo se passa no meio de aventuras do ensino médio, para personagens como o craque Tomás e a namorada dele, Bianca. Na narrativa centrada em desempenhos tanto na equipe de futsal do colégio quanto no dia a dia das provas e testes escolares, pesam elementos como uma sextape e uma série de aprendizados em literatura. Esmagado por notas baixas, o craque Sérgio (Eduardo Rivieira) terá o talento esportivo posto de escanteio, a fim de recuperar espaço de aluno menos medíocre. Para a tarefa, ele contará com as aulas do vizinho Renê (Felipe Sidonio) por quem passa a nutrir sentimentos inesperados e contraditórios.



Dani Azul

Renê (Felipe Sidonio) e Sérgio (Eduardo Rivieira) se encontram não apenas nas classes de reforço

ENTREVISTA // OTAVIO CHAMORRO, DIRETOR E ROTEIRISTA

Qual a extensão de público esperado por você no Mix Brasil?

Acho que um dos maiores defeitos de São Paulo é não ter uma grande sala, um templo do cinema notável como é o Cine Brasília ou o Cine Odeon, no Rio de Janeiro. Acho que isso leva às mostras e festivais paulistanos a ser sempre pulverizados, com programações mais cheias, simultâneas e em vários bairros. Vamos ter três sessões no CCSP, um centro cultural icônico da cidade, muito frequentado pelo público adolescente e jovem, e confio que elas estarão cheias, nos espaços em que serão exibidas. Algo entre 100 e 250 pessoas por sessão.

O filme traz que visibilidade para Brasília?

Brasília é exclusivamente vista pelo país na ótica da Praça dos Três Poderes. Acho fantástico quando o cinema brasiliense consegue apresentar uma nova estética, um novo olhar para o DF. Eu tenho uma predisposição à multiplicidade de cores nos meus filmes, e ressalto sempre as locações que encontramos, a beleza vívida em vários cantos do DF (filmamos em seis Regiões Administrativas) e, claro, o céu. O horizonte, que é um patrimônio natural nosso que gosto sempre de ressaltar. Além disso, neste filme em especial, quero trazer a visibilidade dos novos talentos que estão aflorando na cidade, com meu elenco jovem e adolescente.

Falando de amor, qual o tom das imagens eróticas que costuma adotar?

Em *Quando tudo joga contra*, que é um romance adolescente, não há cenas sexuais. Nesta obra, em particular, acredito que qualquer nudez ou erotismo iria tirar o foco da narrativa que eu construí e do público que eu quero atingir. É uma característica da obra, de pausar a realidade por cem minutos para entrar na história e falar um pouco sobre sentimentos, sobre primeiro amor e sobre como agir no mundo quando tudo joga contra você. Já dirigi outros filmes, esses com cenas de sexo LGBTQ+, e acredito que cada história, cada obra vai demandar uma abordagem específica de nudez e sexo. A única insinuação no filme é entre um casal hétero e está ali para disparar um gatilho de um dos temas abordados (bullying). Assim, não tenho uma predisposição para representar cenas sexuais. É a narrativa que vai exigir isso.

O que vê como apelativo na arte audiovisual?

Acho que a sexualidade e a nudez já foram muito usadas de forma apelativa, como uma desculpa para atrair público. Não gosto de usar a expressão "desnecessário" ou "gratuito" para julgar o trabalho alheio, mas fica claro que, ao longo da história do cinema, em especial com relação às mulheres, a exposição do corpo acontecia ao deus-dará, quase como um item obrigatório para satisfazer o fetiche de diretores, acostumando o público a uma forma de cinema que suprimia outros olhares. Avançamos muito, apesar de haver muito chão pela frente, na criação de uma consciência tanto de quem faz quanto de quem assiste cinema, para problematizar o uso desmedido de cenas de sexo.

E como vê uma novela das nove (*Quem ama cuida*) incorporar beijos e situações sexuais de fundo gay na tevê aberta?

Já fui uma voz atuante anos atrás sobre a questão "beijo gay", escrevendo artigos e dando entrevistas sobre o assunto, em especial quando as novelas começaram a dar esse passo, representando o que considero uma normalidade social nas obras audiovisuais de grande alcance (*Amor e Revolução*, do SBT; *Amor à vida*, da Globo). Acredito profundamente que a arte, e coloco as telenovelas massivas neste balaio, tem tanto a função de representar a sociedade quanto de vislumbrar universos novos. Como eu mencionei, beijo é uma normalidade social, independente de ser entre casais héteros ou não. Sexo, intimidade, amor entre pessoas também, independente da orientação sexual e do gênero elas. Por isso, é inevitável que esta realidade seja representada nos vários formatos de audiovisual, inclusive nas novelas.



Arquivo Pessoal

"Acho que a sexualidade e a nudez já foram muito usadas de forma apelativa, como uma desculpa para atrair público. Não gosto de usar a expressão "desnecessário" ou "gratuito" para julgar o trabalho alheio, mas fica claro que, ao longo da história do cinema, em especial com relação às mulheres, a exposição do corpo acontecia ao deus-dará, quase como um item obrigatório para satisfazer o fetiche de diretores"

Como vê dados do moralismo?

Vivemos um tempo de indução ao pânico moral coletivo. Existe um movimento gigantesco que induz as pessoas a imporem os seus pontos de vistas sobre os outros, tentando sufocar a visão de mundo alheia. É uma arrogância desmedida que, direta ou indiretamente, incita a violência. Para boa parte do público, está tudo bem um personagem matar dezenas de outros, mas é o fim da picada um homem fazer carinho na mão do outro. Por isso, já defendendo a função social da comunicação, acho que é dever de quem tem a caneta na mão, de quem decide o que grandes audiências vão assistir, que se represente esta normalidade social que é sufocada por certos grupos fundamentalistas. Trazer personagens gays e mostrar suas vidas plenas, que envolvem beijos, sexo, casamentos, divórcios, conflitos no trabalho etc., contribui para que algumas pessoas conheçam uma realidade nova, arrefeçam seus preconceitos e questionem o pânico moral coletivo que tentam impor sobre elas.

Como administra elementos cômicos a fim de não reforçar estereótipos?

Acho que fazer comédia é um ato de coragem, sempre. Está na raiz do gênero, em ridicularizar os defeitos sociais. Como roteirista, acho que faz parte da ética da profissão ter a responsabilidade de conhecer o mais profundamente possível o universo que estou representando, sabendo que um filme tem chance real de impactar a vida das pessoas. O que acontece é que, no cinema queer, faz parte da cultura LGBTQ+ o tal do "humor bicha", que se populariza com termos como shade (alfinetar à revelia) e gongação (zoação). Como uma pessoa que é parte desta cultura, fujo do estereótipo debochando dele, dando um passo além do que é esperado de um humor fácil em que os gays são colocados como saco de pancada, como super afeminados, como hipersexualizados etc. É sempre um desafio para quem cria cinema descer do pedestal do ego, colocar-se em dúvida, mas sem ter medo de pisar no acelerador para criar personagens e situações que vão desafiar o público, que vão tirar a audiência do seu lugar de conforto.

Quem dá a velocidade às falas irônicas e debochadas contidas no teu filme?

Meus filmes tendem a beber da fonte de um subgênero da comédia chamada de *screwball*, definido por ter muitos diálogos rápidos, um pingue-pongue de falas. Assim, meus roteiros tendem a fugir de muitos manuais, que tentam enxugar diálogos ao máximo. Na comédia, essa regra tem uma exceção. Se é engraçado, fica na história. Por isso, todo o deboche, ironia, sarcasmo, respostas ácidas e rápidas fazem parte da minha linguagem. Eu mesmo dou o tom da velocidade, às vezes frenética, das falas do filme.